

O LIVRO DOS

TE

OS

DOS

A

FR

CA

NOS

FIOS DE  
MEMÓRIA,  
LINGUAGEM E  
TECNOLOGIA

DLAMAN  
KOBINA

DLAMAN KOBINA

O LIVRO DOS  
**TECIDOS**  
**AFRICANOS**  
FIOS DE MEMÓRIA, LINGUAGEM E TECNOLOGIA

 **AMANDLA**  
educação preta  
2ª EDIÇÃO | PARANÓ - DF | MAIO DE 2026

## PREFÁCIO

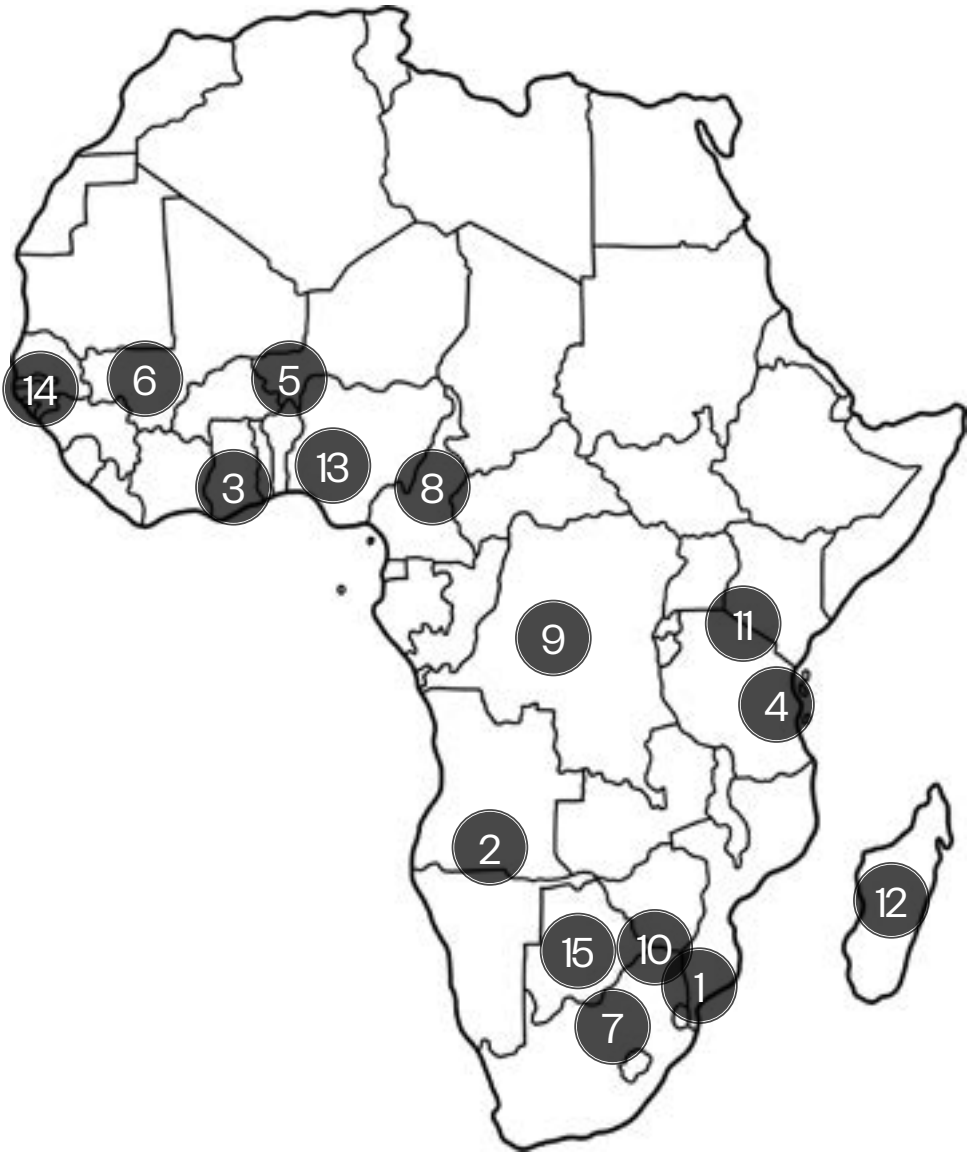
Tecidos africanos, a ancestralidade que veste o corpo, fios de memórias, de histórias teadas por mãos que revelam antiguidade, modernidade, sabedoria e continuidade. *O Livro dos Tecidos Africanos: fios de memória, linguagem e tecnologia* é um presente que une narrativa literária e histórica, pesquisa, dedicação, afeto e cuidado com o que veio antes, se mantém e permanecerá se os seus descendentes defenderem sua continuidade. Linhas, algodão, tinta, lama, mãos velhas, mãos novas, pés ágeis e muita história para contar. Pano não é apenas para cobrir e enfeitar o corpo, é linguagem, escrita, vivência e comunicação criada para a manutenção da harmonia e educação de povos africanos.

Kobina, em mais uma produção rica de conhecimento, digna do compromisso que vem assumindo com o nosso povo, de informar, lembrar e não deixar morrer o que nossos ancestrais criaram, nos oferta saberes sobre o uso político, social, espiritual e familiar de tecidos africanos que transcenderam o tempo e o espaço e chegaram até nós na diáspora, nos possibilitando fortalecer laços entre nós e nossa terra mãe, mãe das pessoas pretas/negras, a África.

Aqui passeamos por diversos países africanos para conhecer suas histórias e belezas através dos seus tecidos. Capulana, Samakaka, Kente, Khanga, Faso Dan Fani, Bogolan, Shweshwe, Toghu, Kuba, Ndebele, Maasai Shuka, Lamba, Aso Oke, Manjak e Mogagolwane, o que eles nos revelam sobre quem nós fomos, somos e queremos ser? Você já imaginou que um tecido pode contar a sua história de vida ancestral? Você sabia que um tecido tem um festival todinho em homenagem a ele? E como seria contar para crianças sobre a criação do mundo usando apenas tecidos africanos?

Faça esse mergulho na nossa história Aço com *O Livro dos Tecidos Africanos: fios de memória, linguagem e tecnologia*, escrito por esse grande escritor e pesquisador Dlaman Kobina. Ngasakidila Kyavulu pela oportunidade de acessar essa preciosidade ainda em sua construção!

Axé/Nguzu  
Niní Kamba Náyò



# SUMÁRIO

<b>FIOS DE MEMÓRIA, LINGUAGEM E TECNOLOGIA</b>	10
1 <b>CAPULANA</b>	20
2 <b>SAMAKAKA</b>	40
3 <b>KENTE</b>	58
4 <b>KHANGA</b>	78
5 <b>FASO DAN FANI</b>	94
6 <b>BOGOLAN</b>	110
7 <b>SHWESHWE</b>	134
8 <b>TOGHU</b>	152
9 <b>KUBA</b>	168
10 <b>NDEBELE</b>	194
11 <b>MAASAI SHUKA</b>	212
12 <b>LAMBA</b>	230
13 <b>ASO OKE</b>	246
14 <b>MANJAK</b>	266
15 <b>MOGAGOLWANE</b>	286
<b>TRAMAS DE RECONSTRUÇÃO DA HARMONIA</b>	304

## **ESTE LIVRO NÃO É SOBRE TECIDOS AFRICANOS**

Este livro não é sobre tecidos africanos.

Você pode até estranhar essa afirmação. Pode parecer contraditório, afinal, este é *O Livro dos Tecidos Africanos*. Mas, quando falamos de produções têxteis africanas, estamos falando de muito mais do que pano, fibra, cor, estampa ou vestimenta. Estamos falando de mundos. Povos, territórios, técnicas, filosofias, espiritualidades, economias, sistemas de conhecimento, formas de organização social e maneiras próprias de compreender a vida.

Em geral, muitos livros internacionais que tratam da produção têxtil em África o fazem dentro de uma lógica de catalogação ou simplificação regionalista. Apresentam peças isoladas, quase sempre separadas da rede complexa que sustenta sua existência. Pouco dizem sobre a densidade histórica, cultural, filosófica, espiritual, social e econômica que está por trás da produção. Pouco se fala do que um tecido condensa, comunica, preserva e ensina.

Por isso, quando falamos de tecidos africanos aqui, a intenção é ir além das materialidades em si, sem negá-las, e adentrar aquilo que África sempre produziu: civilização, ciência, tecnologia, matemática, arte, memória, conhecimento do ser humano e do mundo ao seu redor. Falar de artefatos têxteis, nesse sentido, é falar de África. É falar de grandeza, poder, conhecimento, criação e inteligência material e simbólica.

Neste livro, portanto, os tecidos não são entendidos como simples objetos a serem estudados. São arquivos vivos. São tecnologias culturais. São linguagens. São portas de entrada. Portas de entrada para a reconexão de pessoas pretas com sua ancestralidade, mas também para um entendimento mais amplo da profundidade da produção científica, estética e civilizatória do continente mãe.

Este livro pode ser compreendido, em si, como um gesto de retomada daquilo que Molefi Kete Asante chama de Primeira Ocasão, isto é, a forma original do mundo, da vida e do universo para a mente africana: a unicidade, o holismo.



CAPULANA

MOÇAMBIQUE

## O ABRAÇO DA CAPULANA

*A Capulana prendia o mundo no lugar certo: a pele do bebê contra as costas da mãe, o peso pequeno obedecendo ao movimento do quadril, a respiração indo e voltando como maré. A criança não entendia o que era guerra.*

*Sabia apenas do balanço, do cheiro de suor misturado a poeira vermelha, e da palma firme que, de tempos em tempos, deslizava por cima do pano para confirmar: está aqui. Está segura. Está viva.*

*A voz vinha de longe e, ainda assim, parecia estar dentro do peito da mãe. Era uma música que não pedia permissão. Entrava como sol pelas frestas da palha, como vento atravessando a Capulana e fazendo o tecido colar e soltar do corpo no ritmo de uma marcha que não se via.*

*A luta continua.*

*Às vezes vinha de um rádio pequeno, com a antena torta, disputando espaço com ruídos e chiados. Às vezes vinha da boca das pessoas, repetida como se fosse oração — não para acalmar, mas para aguentar. O nó na Capulana era um pacto: enquanto houver pano, há costas; enquanto houver costas, há criança; enquanto houver criança, há futuro.*

*O bebê não guardou as imagens, o mapa, as datas, os nomes. Guardou o que o corpo consegue quando ainda não sabe falar: o ritmo dos passos, a tensão na espinha da mãe, a forma como a música fazia o coração bater um pouco diferente — como se chamasse o sangue para acordar. Décadas depois, o mesmo gesto encontra o lugar do corpo.*

*Ela puxa o tecido para cima, alisa a dobra com a ponta dos dedos, sente a trama ceder, sente a resistência do pano, e amarra. Agora é a filha que encosta a bochecha em suas costas. Agora é ela que anda pela rua com a coluna ligeiramente inclinada, como quem aprendeu, sem aula, o equilíbrio entre peso e destino.*

*A música atravessa o tempo como insistência. Sai do celular de alguém, atravessa o mercado, mistura-se ao barulho de gente, ao motor. E, por um instante, ela sente uma coisa que não chega a ser lembrança completa. É um calor antigo, como se uma mão ajustasse o nó por cima da sua mão.*

*A luta continua.*

## TIPOS DE KENTE E SUAS VARIEDADES

Há diferentes tipos de Kente (documento 03). Algumas peças são criadas com propósitos específicos. Para o primeiro presidente de Gana após sua independência, Kwame Nkrumah, para mencionar um caso, foi tecido um Kente especial. Provérbios também são utilizados para nomear artefatos têxteis. Objetos simbólicos do cotidiano são usados como inspiração para criar composições visuais de Kente.

Embora as versões mais conhecidas do tecido Ashanti sejam bastante coloridas, também existem peças em índigo e em branco. Dentre as tradições mais populares de produção têxtil estão os Kente Ewe e os Kente Ashanti. Ambos utilizam a mesma técnica de tecelagem e junção das tiras, mas apresentam diferenças na paleta de cores, materiais e alguns outros detalhes que vão ficando mais evidentes à medida em que conhecemos melhor.

Os Ashanti (imagem 09) costumam apresentar vermelho, amarelo, verde e, às vezes, azul, com o uso de seda como matéria-prima. Geralmente possuem um bloco, um pequeno padrão, e novamente outro bloco, repetidamente. Destaca-se a geometria repetida em uma mesma tira que, quando unida às outras, forma uma grande peça de estética belíssima.

Os Kente Ewe (imagem 10) geralmente têm cores mais variadas, incluindo amarelo, verde, preto, laranja, vermelho e azul, com uso mais comum de algodão para a fabricação. Assim como nos Kente Ashanti, também utilizam blocos intercalados a padrões geométricos. Algumas vezes utilizam pequenas figuras inseridas de modo intercalado junto aos padrões, como animais, pessoas e outros elementos figurativos.

## FILOSOFIA E SIMBOLOGIA NO KENTE

O tecido ressoa visualmente a rítmica musical africana presente entre os Ashanti e outros povos, com uma composição visual de métrica múltipla similar aos padrões de ritmos nas tradições musicais da mesma região.

## O LIVRO DOS TECIDOS AFRICANOS



Imagem 09. Tecido Kente Ashanti. Fotografia de Alan Donovan. African Heritage House, Google Arts & Culture, s/d.



Imagem 10. Tecido Kente Ewe com figura humana, de animal e símbolo. The British Museum, s/d.

Documento 03 (à direita). Pôster Kente é mais do que um tecido: História e significado do tecido Kente de Gana. Prof. Kwaku Ofori-Ansa. O pôster inclui: Nomes dos tecidos e seus significados simbólicos; Nomes dos motivos e seus significados simbólicos; Partes de um tecido; Significados simbólicos das cores; Avaliando a qualidade dos tecidos; Usos do Kente; Materiais de tecelagem; e uma bibliografia selecionada. The Palace of Typographic Masonry, Amsterdã, s/d.



#### 4. MARCOS HISTÓRICOS

**Século 19:** se consolida no sul da África por meio de circuitos coloniais, missionários e comerciais.

**Anos 1840:** difusão ligada ao rei Moshoeshe I.

**Século 20 em diante:** deixa de ser pano de origem estrangeira e se torna signo cultural local africanizado.

**1948:** início da produção pela Da Gama Textiles.



#### 9. DISPUTA DE VALOR

Comércio e fabricação europeias, vida social, valor simbólico e força identitária produzidos no sul da África. Produção atual em mãos de empresa estrangeira da era Apartheid. Tensão quanto à marca registrada e imitações.



#### 5. USOS E CÓDIGOS

**Casamento e status:** marca matrimônio, respeito e pertencimento entre mulheres Xhosa e Basotho recém-casadas.

**Ocasões:** casamentos, encontros, eventos e cerimônias.

**Contemporâneo:** roupas masculinas, moda jovem, acessórios e objetos de decoração.

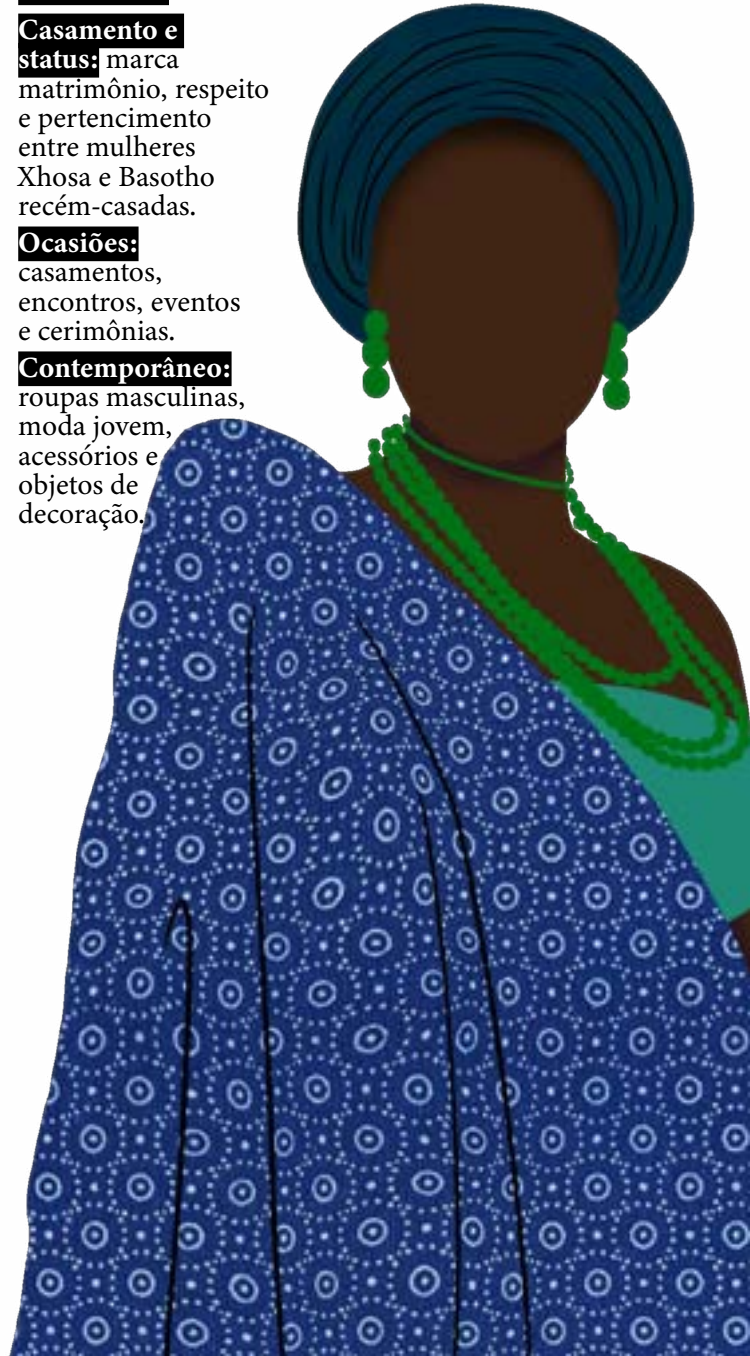




Imagem 36. Ndop, escultura em madeira do Rei Shyaam aMbul aNgoong, produzida pelos Kuba (1760-1780). Trustees of the British Museum; Museu do Brooklyn, s/d.

*Ali seriam deixadas as oferendas e os sacrifícios. E ali, sobretudo, as roupas permaneceriam guardadas, esperando o momento do chamado. Para que eles as vestissem sempre que o pai os invocasse através do bastão.*

*E assim ficou estabelecido: sempre que a morte insistisse, no décimo sétimo dia o ritual seria repetido. Pais e filhos voltariam a se encontrar, porque havia um caminho traçado — e um pano preparado. E para aqueles que ainda não tivessem roupas, dizia-se: peça às pessoas, e elas farão. Com prazer. Porque a comunidade também entendeu: o tecido não era detalhe. Era ponte. Era memória costurada. Era a forma visível de um pacto que atravessa o mundo. Há panos que cobrem o corpo. E há panos que cobrem o impossível, para que o impossível possa, ainda assim, ser visto.*

## O MUNDO YORUBÁ

O encantamento e a reverência que a imponência e delicadeza da cultura Yorubá causam por todo o mundo são bastante reconhecíveis, como no caso do reconto do Itàn anterior. **A chave do Itàn é profunda: no mundo Yorubá, em muitos casos, o tecido não está “ao lado” do sagrado — ele participa da própria engenharia que torna o sagrado socialmente habitável.** O Itàn auxilia a percebermos, a um só tempo, a presença de tecidos no contexto espiritual, bem como a beleza e sensibilidade da tradição oral Yorubá.

Quando Osun desce à terra, todos se alegram e se prostram diante de sua beleza, seja em um terreiro de Candomblé ou nas chuvas trazendo fertilidade. Sango, em sua imponência, não passa despercebido, causa comoção e louvores por onde quer que vá. Kaô Kabiecilê! O grande Rei de Oyó não perde as batalhas.

Os Orins entoados a Osoosi lembram seus feitos em terra como ágil caçador, provedor de fartura, bênçãos e inteligência dentre seu povo. O Senhor do silêncio emociona seus filhos ao trazer a esperteza necessária para enfrentarem a vida. Caçador de uma flecha só, Osoosi demonstra muito bem qualidades da cultura e da história do povo Yorubá, que até hoje continua a cultuá-lo, e que espalhou sua cosmopercepção por todos os territórios onde seus descendentes se instalaram.

O LIVRO DOS TECIDOS AFRICANOS



Documento 16. Cartão postal de Ateliê de tecelagem senegalês, pela estrutura longa do tear, percebe-se ser a técnica Manjak. Autor não identificado, s/d.



Imagem 66. Detalhe de homem trabalhando no tear Manjak. Le Balafon, s/d.